

A NOVA POESIA PORTUGUESA, de Manuel de Freitas

Duarte Drumond Braga

O que é que pode interessar a um poeta português, cem anos depois menos dois, partilhar título com um conjunto ensaístico de Fernando Pessoa saído em 1912 n' *A Águia*? Antes de mais o facto torna legítima, só por si, uma leitura do livro centrada nesse mesmo título e restante paratexto, de ordinário em Manuel de Freitas bem preenchido em reforço das formas textuais de inscrição na circunstancialidade. Dedicatória geral e de cada texto, epígrafe, agradecimentos finais (e poemas), todos estes sustentam o sentido dum título aparentemente grave e, por meio destas marcas, humanizado. O próprio contexto editorial é o de uma casa de encontro de poesia e de poetas, a livraria-editora Poesia Incompleta de Mário Guerra (em Lisboa ao Príncipe Real) que com este livrinho de 32 páginas consegue o seu segundo título, depois de *O Taberneiro* de Miguel Martins e antes de *O Som do Sôpro* [sic] de António Barahona, já deste ano. Acrescente-se que este é o único espaço onde o leitor pode adquirir tais obras.

O paratexto recebe então o triplo propósito de estimar os velhos, reconhecer os da sua geração e indigitar os novos – no que naturalmente é selectivo –, continuando uma autoridade-*auctoritas* de que tem feito uso como crítico, antologador, editor e naturalmente poeta. Os poemas, por seu turno, narrativizam os diálogos propostos pelos elementos paratextuais com figuras cujo principal parentesco com o autor é uma série de gestos em torno da própria poesia. Por exemplo, o livro é significativamente dedicado à memória do recentemente falecido António Manuel Couto Viana – de que a Averno editou os três últimos livros –, também ele autor da mesma estirpe comunicacional, feita de intimidades, dedicatórias e generosidades. Assim, *A Nova Poesia Portuguesa* é, ao mesmo tempo, a conferência entre poetas-poemas de várias gerações; é Manuel de Freitas, inscrito dentro e fora do livro como assinatura e como poema, respectivamente (numa autodramatização enquanto *son semblable* – “(...) há vinte anos/a escrever o mesmo” [FREITAS, 2010, p. 27]) e é também o próprio livro enquanto breve conjunto de poemas sobre poesia, poetas e o que os rodeia.

Freitas reserva assim para si uma dupla posição na nova poesia portuguesa, simultaneamente enquanto assinatura autoral e enquanto um entre demais “colegas”, tal como Pessoa se inscreveu duplamente nos artigos de 1912 enquanto autor e enquanto “supra-Camões”, ainda que com contextos e objectivos totalmente diversos. Com efeito, não há no poeta de *Beau Séjour* lugar para um jogo messiânico semelhante ao pessoano. O parentesco com o jovem Pessoa é outro e tem mais que ver com a escolha de um cânone que seja *seu* e dentro do qual se entenda enquanto poeta no seio de uma cadeia: Antero, Junqueiro, Nobre, Pascoaes e os saudosistas para Pessoa; Couto Viana, José António Almeida, Rui Miguel Ribeiro, Rui Pires Cabral, *et alii*, para Freitas. Por outro lado, quer no Pessoa de 1912 quer no Freitas de 2010, as relações entre poesia, memória e História são um problema comum. No primeiro a História submete-se à poesia, por ser esta última, neorromanticamente, a transmutação do que na História é material e imperfeito. O ressurgimento nacional transfere-se para um futuro que se configura pelas memórias mítica e literária (supra-Camões), o que não é afinal mais do que uma tentativa de superar a decadência enquanto *topos* cultural fino-oitocentista. Mas que tem isto a ver com a poesia de Freitas? Nada: a cisão da História é de outra ordem e tudo tem aqui implicações inteiramente pessoais. Assumindo essa cisão, é certo que estes poemas estão cheios de uma historicidade imediata que não crê em si mesma, isto é, que naturalmente não se assume enquanto História; senão vejamos toda a teia referencial que prolonga a partir de livros anteriores, como o roteiro sentimental de certos lugares e pessoas, com a sua condenação pelo tempo e a condenação ao seu eterno reconhecimento.

Na sua sábia circunstância de *private jokes* – a que ajuda toda a discrição das edições e da distribuição – em torno de afinidades, estes poemas são pequenos *toasts funèbres* à amizade que for possível nas brechas de um meio dito canalha (FREITAS, 2010, p. 20); são campos onde a emoção negocia as relações entre escrita, conhecimento e esquecimento e são também a única maneira de dar um (não-)sentido a esse outro lado da moeda: “(...) emoção comunicável/, um modo triste de conhecimento/ ou uma arte perfeitamente inútil” (Freitas, 2010: 15). E é sob este último nome, *morte*, que a poesia se poderia tornar na única metafísica possível – nunca chegando a tal, bem entendido – por ser, na indistinção com a vida, o reverso eleito da morte.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FREITAS, Manuel de. *A Nova Poesia Portuguesa*. Lisboa: Poesia Incompleta, 2010.

(Recebido para publicação em 04/01/2012,

Aprovado em 26/01/2012)